

Percepções da pós-colonialidade e da diáspora em Dany Laferrière

Karla Andrea Cândido Rêgo Soares¹
Mestranda em Estudos Literários - UNIR;
karla.candido@unir.br

Resumo: O artigo promove uma discussão sobre a visão do Outro (colonizador) diante do imigrante (negro), no primeiro romance de Dany Laferrière *Como fazer amor com um negro sem se cansar* (2012). Essas observações partem do conceito de resistência, hibridização desterritorialização; bem como dos estudos pós-coloniais sob a visão de Hall, Bonnici e outros autores que tratam de resistência, identidade e pós-colonialismo. Nesse sentido, pretende-se analisar a ruptura presente na cultura do negro na diáspora, em uma sociedade branca e segregadora. A partir da análise detalhada da obra, pode-se perceber os discursos colonizadores e a supremacia de valores da sociedade burguesa. Busca-se assim, discutir a identidade que o sujeito assume nessas múltiplas inter-relações, observando-se que a identidade de um sujeito não é marcada pelas suas diferenças, mas pelas relações e culturas que compartilha e divide com o Outro.

Palavras-chave: Diáspora 1. Identidade 2. Deslocamentos 3. Dany Laferrière 4.

1INTRODUÇÃO

O estudo da diáspora, da identidade e da cultura sofreu influência dos estudos pós-coloniais e dos estudos subalternos, isso parte da reflexão que esses estudos vêm desenvolvendo sobre a subalternidade, sobre a resistência e sobre os deslocamentos do sujeito na pós-modernidade. Esse olhar do colonizador refere-se ao sujeito diaspórico como “desterritorializado”, um indivíduo que tem a cultura, língua e identidade silenciadas.

Essa percepção do sujeito na pós-modernidade é amplamente explorada pelos estudos culturais e pós-coloniais, que analisam a visão do colonizador sobre o colonizado, o revide do colonizado e as literaturas produzidas como enfrentamento a essa situação de subalternidade. Considera-se que o colonizador suplanta a ideia do negro como objeto, como um ser sem identidade ou cultura, que necessita da cultura e da língua do Outro.

¹ Graduada em Pedagogia, Especialista em Mídias, Coordenação Pedagógica e Mestranda em Estudos Literários pela UNIR-RO, membro do grupo de pesquisa MIMCAB, sob a orientação da Prof^ª Dra. Marília Lima Pimentel Contiguiba.

Diante desse contexto de desolação da cultura do colonizado, é que a obra *Como fazer amor com um negro sem se cansar* instiga um olhar diferenciado sobre o negro na diáspora, mostrando assim, as percepções de um autor que vivenciou a diáspora e compartilhou das duras ditaduras que o Haiti passou.

Nessa perspectiva, o autor Dany Laferrière enfatiza em sua obra a visão que a sociedade puritana (canadense) faz do negro e as formas de sobrevivência e revide aos estereótipos suplantados por essa sociedade.

Como exemplo desse clima de subjugação da cultura do Outro, destaca-se as invasões que o povo haitiano vivenciou durante a colonização do Haiti, esses trouxeram uma atmosfera de medo, de aniquilamento e brutalidade. Durante muitos anos o país ficou submisso aos povos colonizadores, mesmo tendo sido liberto da França, através do processo de independência, esse país sofreu embargos políticos, que o impediram de negociar e comercializar suas produções agrícolas com outros países.

Louidor (2013) destaca que o resultado desse contato com o nativo durante o processo de colonização trouxe a negação do Outro, a subjugação de uma raça sobre a outra. Para este autor:

Os colonizadores europeus converteram o continente no “novo mundo” e seus habitantes originários em “bárbaros”: converteram a América no Outro para justamente negá-la como o Outro, encobri-la em sua alteridade. O Outro foi declarado bárbaro, era preciso evangelizá-lo, reduzi-lo à escravidão, absorvê-lo. O Outro era considerado um objeto e não um sujeito. (Louidor, 2013, p. 16).

O contato com o colonizador deixou inúmeros traumas que ficaram como herança para os povos colonizados, que se perpetuaram durante muitos séculos de colonização. No que tange à permanência de tropas americanas no Haiti, essa acarretou um estereótipo da visão do negro como um ser bárbaro, sem cultura ou identidade. É importante entender que, ao mesmo tempo em que os haitianos tentavam se recuperar economicamente, também sofriam com os pré-conceitos estabelecidos por povos que colonizaram o país, mesmo nos dias atuais, esses imaginários da cultura e crença haitiana ainda são mal vistos até hoje por alguns haitianos e por pessoas que desconhecem a cultura desse povo.

Em meio a massacres e opressões, os haitianos passaram a incorporar a cultura do colonizador, como uma forma de revidar os desmandos desses, e buscar ressignificar

essa apropriação da cultura do Outro (colonizador), suscitando assim, a afirmação de sua identidade.

Com isso, busca-se nesse artigo tratar do conceito de identidades, deslocamento e diáspora durante o processo de colonização e das ditaduras no Haiti. Busca-se entender os traumas sofridos por esse sujeito que sai de seu país e assume uma nova identidade, de acordo com a bagagem cultural e social que este vivencia neste “entre lugar”, que nem é sua terra natal, nem é a terra em que este sonha em construir sua vida, é um lugar onde o sujeito tenta ter vez, de onde busca ser ouvido, onde possa ter seus direitos e constituir-se nessa sociedade, como parte dela, mas não aniquilando a sua cultura e a sua identidade, mas agregando valores a esta e buscando incorporar partes da cultura dessa sociedade a sua vida neste novo lugar. Mediante isso, o negro vai explorando e vivenciando uma cultura multiforme.

Dany Laferrière e o olhar da diáspora

Dany Laferrière, escritor, jornalista e roteirista insere-se na literatura quebequense como um autor que denuncia as atrocidades das ditaduras impostas a seu país de origem, o Haiti. Nasceu em 1953, na cidade de Porto Príncipe, seu nome de batismo era Windsor Kléber Laferrière- nome que herdou do pai - seu pai era jornalista e avesso ao regime duvalerista, que governou o país durante 14 anos. Assolado pela ditadura duvalerista, o pai exila-se em Nova York no ano de 1959. Como sua mãe tinha receio de retaliações à sua família, passa então a chamá-lo de Dany Laferrière.

Em meio a esse processo de exílio do pai, Laferrière passa a vivenciar, desde criança, constantes processos diaspóricos, inicialmente vai junto com a mãe morar na casa da avó e das tias em Petit Goâve e posteriormente retorna à sua terra natal, devido a um surto de malária na cidade onde sua família morava.

Laferrière, então vai se constituindo em meio a essa esfera de confrontos, exílio e deslocamentos por conta do regime ditatorial de Duvalier. Trilhando o mesmo caminho do pai, se torna jornalista, escritor e contrário a ditadura que o país vivia. Buscava reformular a constituição e a influência do Governo no sindicato dos trabalhadores.

Em meio a essas manifestações contrárias ao governo do país, Dany começa através da sua escrita denunciar a manipulação do Governo na primeira greve do sindicato dos trabalhadores, no Haiti. Como forma de revidar a afronta do autor, seu amigo é assassinado por pessoas favoráveis a ditadura duvalerista.

Temendo ser o próximo a ser assassinado, o autor exila-se em Montreal no ano de 1976, onde passou a trabalhar como operário e a dar início a sua primeira produção literária, que é uma das primeiras obras a compor a sua autobiografia americana. Então em 1985 lança *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, obra que retrata o universo do exilado, negro e pobre num país com cultura e costumes tão díspares da haitiana.

Dany Laferrière vai construindo, em sua narrativa, suas próprias percepções enquanto sujeito que vivenciou o processo diaspórico, a sua situação de exilado no Canadá traz para sua narrativa duas culturas tão opostas e que se hibridizam na sua escrita, através das relações que o personagem Vieux e Buba vivenciam com as estudantes da MacGrill. Sua literatura se insere na literatura haitiana-quebequense como uma narrativa pós-colonial, que denuncia o olhar do estrangeiro (colonizador), os sentimentos do negro (colonizado), a resistência aos desmandos e aos valores impostos por essa sociedade que o acolhe, mas ao mesmo tempo o recrimina pela sua cor e raça.

Processos diaspóricos

A história das migrações e deslocamentos vivenciados pelos povos africanos tem sido amplamente explorada nas literaturas antilhana, caribenha e quebequense. Esse tipo de escrita teve início a partir dos estudos culturais e dos estudos pós-coloniais.

A visibilidade que essa literatura vem tendo no campo literário mostra a formação de uma consciência global quanto às atrocidades vivenciadas no processo da diáspora e do exílio dos povos africanos.

O destaque que é dado por estas literaturas ao sujeito da diáspora permite que várias vozes silenciadas pelo exílio ou pelo horror da guerra sejam postas em evidência, mantendo assim a identidade cultural desse sujeito.

Os povos que vivenciam esses processos diaspóricos, vão se constituindo a partir da visão do Outro, *ressignificando* essa nova cultura, construindo uma identidade na diversidade étnica e cultural, para que assim possam se sentir parte desse novo lugar. Hall (2003, p.35) afirma que: “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre dentro e fora”.

No romance analisado, essas percepções quanto às barbaridades produzidas pela diáspora vão se desvelando, como nuances do passado e do presente, entrecortadas entre

as projeções que o personagem Vieux faz de si e a visão que a sociedade canadense faz de um negro na diáspora, no início da década de 1980.

Vivenciar uma situação de diáspora é algo traumático e traz um embate de culturas e valores, essas heterogeneidades vão criando no imigrante o desejo de se afirmar e de ser superior a cultura do “Outro”. Bonnici (2009, p.133) relata que: “O outro pode ser definido como alguém diferente de si próprio. O sujeito colonizado é o outro; o colonizador se caracteriza pela naturalidade e pela universalidade de sua cultura e de seu ponto de vista”.

Isso evidencia que a visão do colonizador é a de que sua cultura e língua é superior à do colonizado. Essas percepções revelam uma rede de segregações, dominações, preconceitos e depreciação da cultura e identidade do outro. Laferrière percebe essa depreciação do negro quando afirma que:

Miz Literatura deixou seu cheiro no banheiro. Gide conta em seu diário (*Retour du Tchad*) que o que mais o impressionou na África foi o cheiro. Um cheiro muito condimentado. Cheiro de folhas. O Negro é do reino vegetal. Os Brancos sempre esquecem que eles também têm cheiro. (LAFERRIÈRE, 2012, p.24)

Esse sentimento de inferioridade vivenciado pelo diásporo nos remete ao estereótipo enraizado pela cultura ocidental, que rompe com as configurações de território, identidade e cultura, mediante as ligações entre raça inferior frente à raça superior. Nesse sentido, a diáspora produz imigrante um sentimento de desterritorialização e esse passa a vivenciar uma cultura híbrida. Bonnici (2009, p.30) destaca que: “Em teoria pós-colonial, o hibridismo foi inicialmente equivalente a uma mera troca cultural, a qual subestimava a desigualdade inerente às relações de poder e enfatiza as políticas de assimilação através do massacramento das diferentes culturas.

Analisando detalhadamente a cultura do Haiti, percebe-se que o povo haitiano já vivenciava voluntariamente a diáspora, mesmo antes da colonização de seu país. Eles migravam para outros países em busca de novas terras, de melhorias de vida e para continuarem a desenvolver a agricultura de subsistência.

Já as migrações, além da fronteira de seu país, se tornaram algo muito recorrente entre os filhos dos grandes produtores de café do Haiti, esses mandavam seus filhos para estudar na Europa. Mas esses enfrentavam o embate de culturas, de ideias e diferenças quanto a língua e a cultura do Haiti. Para Hall (2003, p.35): “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença”.

A ideia do negro como um ser diferente funda-se na ideia que o Outro (colonizador) tem do outro (colonizado). Com isso, o imigrante busca constituir uma identidade multifacetada, construindo uma forma de resistir à cultura e a língua imposta pelo colonizador.

A pesquisadora Eurídice Figueiredo corrobora com essa ideia, no livro *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*, quando evidencia que: “O negro tentará se igualar ao branco para apagar as imagens estereotipadas que o branco lhe impôs através da educação”. Assim, a relação do negro com a educação e a língua do colonizador, no caso do Haiti, o francês e o inglês, se constitui como uma forma de ressignificar a sua cultura e assumir uma identidade híbrida.

Diante de tais subjugações, a cultura e a identidade do negro imigrante é afetada pelo contato com outras nações, dessa forma se apropria da cultura e a língua do Outro, como forma de subverter as regras e normas ditadas por esse lugar de exílio. Como bem destaca Bonnici (2009, p.30): “... diáspora refere-se ao trauma coletivo de um povo que voluntária ou involuntariamente saiu ou foi banido da sua terra e, vivendo num lugar estranho, sente-se desenraizado de sua cultura e de seu lar”.

A apreensão desse sentimento vivenciado na diáspora e esse estranhamento do estrangeiro sob a visão do país que o acolhe, nos mostra como é difícil para muitos aceitar o novo, o diferente e o subalterno, com isso percebemos que muitas culturas estão sendo afetadas e suprimidas.

Considerando essas percepções, é possível compreendermos que o silenciamento da cultura e língua do outro (negro), está interligado às relações de poder e de superioridade que são impostas pelos brancos (canadense), que no caso da sociedade canadense, na década de 80 era considerada a maioria abastarda do país. Conforme retrata Laferrière (2012, p.17): “Bom, em resumo, esta é a situação neste começo dos anos 80 marcados por uma pedra preta na história da civilização Negra”.

As percepções da diáspora no romance *Como fazer amor com um negro sem se cansar*.

A diáspora caribenha suscita um choque de culturas para os sujeitos que vivenciam esse movimento, entre sua terra natal e a terra tão sonhada, que será um lugar refúgio. Essa temática é muito recorrente nas literaturas produzidas por autores caribenhos. Muitos desses autores se apropriam da língua do colonizador e a subvertem

escrevendo suas obras no inglês crioulo, como forma de subverter as literaturas produzidas pelo colonizador. Para Bonnicci:

A abrogação e a apropriação são posicionamentos políticos a favor da identidade ou de uma população cuja língua foi herdada no tempo colonial ou de um grupo de pessoas que, em suas publicações científicas e em outras ocasiões, se utiliza dessa mesma língua. Quando se propõe paridade em todas as formas de língua inglesa (a versão australiana, sul-africana, nigeriana, caribenha, guianense, gibraltarina etc.), a abrogação é um antídoto diante da hegemonia cultural do inglês, já que a língua sempre é adaptável e já que a mesma ferramenta serve para transformar e libertar. (BONNICE, 2009, p.38)

O posicionamento de enfrentamento à cultura e à língua imposta pelo colonizador, mostra que o imigrante pretende anular as ideias centralizadoras sobre valores sociais e morais imbricados no seio da sociedade colonizadora. Dessa maneira, ele vai se constituindo perante as relações que vivencia nesse lugar, buscando desconstruir a visão que se tem negro.

A obra de Laferrière busca transgredir e contrapor as representações estereotipadas que a sociedade canadense faz do negro imigrante. Diante das relações distorcidas construídas nessa nova sociedade, o personagem Vieux vai construindo um espaço de ironia, desejos e de identificações frente às relações que mantém com moças brancas de uma conceituada universidade canadense. Em meio a essa atmosfera de desejo e construção de identidade, o negro vai dominando a cultura canadense através do sexo:

Ao lado dessa guerra entre sexos de cores diferentes, a da Coreia foi uma briguinha sem importância. E a guerra do Vietnã, uma brincadeira sem impacto no curso da civilização judaico-cristã. Se você quer um resumo da guerra nuclear, ponha um negro e uma branca na mesma cama. Mas hoje isso acabou. Estivemos à beira da destruição total sem perceber. O negro era a última bomba sexual capaz de fazer explodir o planeta. E ele está morto. Entre as coxas de uma Branca. No fundo, o negro é apenas um rojão molhado, mas não sou eu quem vou dizer. Abram alas para os amarelos. São os japoneses que conduzem a dança sobre o vulcão. É a vez deles. O cassino das transas. Nada a acrescentar. Vermelho, Negro, Amarelo. Negro, Amarelo, Vermelho. Amarelo, Vermelho, Negro. A roleta do tempo ocidental. (LAFERRIÈRE, 2012, p.19)

Essa relação entre dominador e dominado vai invertendo os papéis na pós-colonização, já que agora o negro usa isso como uma estratégia de revide aos traumas produzidos durante a colonização de seu país, através das relações que mantém com moças da mais alta sociedade e a partir da literatura de diáspora.

A obra de Laferrière *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, revela ao leitor as experiências vivenciadas por dois jovens negros e imigrantes em Montreal, onde moram num quarto-sala e compartilham o desejo de se sentirem parte dessa nova sociedade.

Laferrière (2012, p.17), considera que a visão da sociedade que acolhe o exilado é distorcida, menospreza e nega a identidade desse sujeito diásporo: “Até parece que o período da Negritude acabou, *has been, caput*, finito, morto. Negro, out. Go home Nigger. A Grande Era Negra, já era! Hasta la vista, Negro. Last call, colored. Volta pra selva, Neguinho”. As relações discrepantes entre o negro diásporo e a sociedade canadense se constituem como forma de diminuir a cultura do outro. Com isso, o sujeito diásporo sente-se deslocado e vivencia deslocamentos da sua cultura.

O escritor mostra-nos que é possível quebrar as barreiras produzidas entre as classes sociais menos favorecidas frente à classe dominante, e isso é possível a partir das relações que esses dois mundos antagônicos vivenciam. O personagem central do romance busca assim, resistir às regras e ditames dessa sociedade colonizadora.

Considerando as sequelas produzidas por práticas colonizadoras, na obra de Laferrière, é que os personagens do romance buscam através do sexo desmistificar os preconceitos e ideias produzidas pela sociedade que o acolhe, quanto a sua cultura, sua raça e sua língua. Essas observações sobre a cultura do colonizador produzem um obstáculo, um choque entre a cultura do que acolhe e a do que é acolhido. Bauman (2012, p.13), destaca que:

A ideia de “cultura” serviu para reconciliar toda uma série de oposições enervantes pela sua incompatibilidade ostensiva: entre liberdade e necessidade, entre voluntário e imposto, teleológico e causal, escolhido e determinado, aleatório e padronizado, contingente e obediente à lei, criativo e rotineiro, inovador e repetitivo – em suma, entre a autoafirmação e a regulação normativa.

Nesse sentido, o confronto das culturas do colonizador e do colonizado, faz com que o colonizador almeje uma cultura única e estabilizada, que não seja suplantada frente à cultura do outro. Para o colonizador a sua cultura é superior a do colonizado, que considera que esse não possua nenhum tipo de civilização ou cultura.

O autor explora em seu romance essas percepções quando mostra as relações fortuitas de dois negros com jovens da MacGrill (uma renomada faculdade em Montreal), que jamais dariam um bom dia para um negro pobre e diaspórico. Na descrição que o

personagem Vieux faz da mania de Miz Literatura tentar transformar seu quarto num lugar agradável: “O que eu não entendo é por que ela vem fazer isso nesse covil? Eu vou ter que dizer para ela que covil não é alcova? Talvez ela faça isso para levar duas vidas paralelas. Uma na casa dela, onde é uma princesa WASP, e outra aqui, onde é escrava de um Negro”. Laferrière (2012, p.39)

Essas observações vão mostrando ao leitor como os personagens do romance tentam subverter a cultura do colonizador, que pensa que o imigrante não possui cultura ou identidade, e que jamais poderiam manter qualquer tipo de relação com uma moça, de uma das mais conceituadas universidades canadenses. Essa ideia de superioridade frente à cultura do outro, produz imigrante o desejo de se libertar do discurso preconceituoso do colonizador e reconstruir sua identidade, em meio a esses estigmas produzidos através das relações que mantém com os canadenses. Hall (2003, p.9) ressalta que: “A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Esse processo de afirmação da identidade do sujeito diaspórico, confronta seus valores, suas crenças e sua cultura. Com isso, o sujeito vai construindo uma identidade multifacetada e complexa, produto das relações que estabelece com as pessoas do país que o acolhe, mas ao mesmo tempo o divide, entre o sentimento de pertencer ou não a essa sociedade. Como no momento em que Vieux se confronta com o sentimento de se sentir desterritorializado: “Então, é sempre a mesma coisa, os colonialistas realizaram as suas fantasias de dominação fálica esmagando os outros, e na hora de pagar a conta, esse safado propõe simplesmente que os Negros comam as nossas mulheres” (LAFERRIÈRE, 2012, p.50). Essa relação de apropriação do outro, cria no sujeito diaspórico o anseio de subverter essa sociedade colonialista, através das relações que mantém com garotas da WASP.

A diáspora e a identidade multifacetada

A diáspora, seja ela dentro ou fora do país, desestabiliza a identidade e a herança cultura de um povo, esse trânsito cultural que o estrangeiro vivencia, produz nesse sujeito uma identidade multifacetada. Essa identidade assumida pelo sujeito diaspórico é produzida pelas relações, momentos e experiências que compartilha com as pessoas do país que o acolhe.

Esses novos contextos culturais que o diásporo compartilha, afetam de certa forma a ressignificação de sua identidade, produzindo conflitos entre o que acolhe e o acolhido, o colonizador e o colonizado e entre o negro e o branco. Para Hall (2003, p.260):

Os elementos da "tradição" não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram ou se cruzam. Elas procuram destacar uma forma cultural de sua inserção em uma tradição, conferindo-lhe uma nova ressonância ou valência cultural.

Mesmo que imigrante já possua uma bagagem cultural estabelecida, tentará dar um novo sentido à essa identidade cultural produzida através do contato com o Outro, sem deixar de lado a sua herança cultural, suas raízes e sua língua. Essa estratégia de se apropriar dessa nova cultura é uma forma de hibridizar e manter seus laços culturais.

Essas formas de apropriação da cultura e da língua do Outro, de certa forma não são vistas com bons olhos pelo que abriga o imigrante, é visto como algo que deprecia a herança cultural colonial e segregadora, que se considera moderna aos avanços científicos e tecnológicos, porém não consegue aceitar a cultura do Outro.

A ideia ultrapassada de uma cultura única, pregada pelo colonialismo, pressupõe uma falsa noção de apoderamento de uma cultura considerada “superior”, sobre uma cultura considerada “inferior”. Hall (2006, p.58), destaca que diante desse movimento de construir uma identidade nacional única: “Devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma “comunidade imaginada”: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”.

Em meio a essa negação da cultura do outro, produzida pelo processo de colonização, o sujeito em mobilidade vai ressignificar sua identidade, produzida através do ambiente e do momento que o país que o acolhe vivencia. Assim, a identidade desse sujeito deixa de ser constituída apenas da bagagem cultural de seu país, de sua família e amigos. Com isso, esse sujeito vai se constituindo nas diferentes relações estabelecidas nesse novo país.

O confronto produzido pela cultura do Outro, causa uma crise identitária no sujeito na diáspora, que mesmo fazendo parte de culturas diferentes da sua, não se deixa dominar pela cultura imposta por essa nova sociedade. Assim, esse sujeito passa a

hibridizar a cultura e a língua e os costumes do país que o abriga, como forma de pertencer a esse país idealizado e subverter os ditames pregados pela sociedade segregadora.

Esse confronto de culturas produz a subjetividade do diásporo, que passa a questionar sua identidade. Como destaca Laferrière (2012), quando retrata o sentimento de Vieux, frente os clichês produzidos pelo Outro:

Como eu gostaria de saber, de ter certeza de que o mito do Negro animal, primitivo, bárbaro, que só pensa em trepar, ter certeza de que tudo isso é verdadeiro ou falso. Aqui. Direto. Definitivamente. De uma vez por todas. Ninguém lhe dirá, meu amigo. O mundo está abarrotado de ideologias. Quem quer se meter com um assunto desses? Como Negro, não tenho o distanciamento necessário em relação ao Negro. (LAFERRIÈRE, 2012, p.44)

A maneira como o Outro vê o negro imigrante é uma forma de interpelá-lo quanto a sua identidade e a sua raça, é como se o negro procurasse justificar os estereótipos e clichês produzidos por essa sociedade que o acolheu. Com isso, o diásporo tenta fazer parte dessa sociedade, mas sente-se deslocado e isso produz um estigma na sua identidade.

Esse discernimento quanto a subjugação da sua cultura, evidenciam a subversão que o sujeito em mobilidade vivencia na diáspora, por causa das transformações ocorridas na pós-modernidade, que supõe que se tenha uma identidade única, que caba por moldar o sujeito, produzindo o que Hall (2006) chama de identidade unificada e causa um embate de identidades, já que no interior de cada um de nós convivemos com identidades que se opõem e se conflitam entre si.

Considerações finais

O escritor Dany Laferrière demonstra, em sua escrita, as relações de alteridade produzidas pelo sujeito diaspórico na sociedade canadense, a qual demonstra uma certa repulsa aos imigrantes e as literaturas de migração. Ao mesmo tempo, o autor dá visibilidade a esse tipo de literatura, trazendo para sua narrativa a visão do estrangeiro frente à sociedade que o acolhe, bem como suas percepções quanto ao discurso hegemônico, que traz uma carga de discriminações, estereótipos e clichês quanto à cultura do outro.

Laferrière, procura com este romance, transpor a visão depreciativa que a sociedade canadense tem do negro na diáspora, produzindo ironias através das relações

dos personagens da narrativa com as moças da Universidade MacGill. As relações produzidas nessa nova nação retratam a sensação de ser negro, pobre, diaspórico e ter sua identidade fracionada através da miscigenação da sua cultura com a cultura do Outro, mesmo que esse não seja o desejo do imigrante.

Dessa maneira, o autor constrói uma escrita de diáspora, que se apropria de várias culturas, americana, haitiana e francesa. Essa estratégia de apropriação de elementos da cultura do Outro, vai se constituindo como uma forma de ressignificar a identidade cultural do imigrante, suscitando elementos que compõem seu passado e são recriados no país que acolhe o diásporo.

O personagem Vieux vai perfazendo uma narrativa diferente da que fora projetada antes de vivenciar a diáspora, aonde buscava um lugar tão sonhado e imaginado, em que fossem sanadas todas as suas frustrações, traumas dos horrores da guerra e das ditaduras, que o levaram a se exilar em lugares além da fronteira de seu país. Assim, as identidades ressignificadas vão se constituindo, sem encobrir a sua herança cultural, transpondo as barreiras produzidas pelo contato com o colonizador e com a sociedade do país que o acolhe. O escritor Stuart Hall (2003, p.28), destaca que a identidade cultural faz parte de nosso ser, compõe no nosso gene, não pode ser transmutada por uma nova vivência ou uma nova cultura:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja, fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.

Deste modo, as vivências do sujeito na diáspora nesse constante deslocamento da sua cultura, é algo traumático que traz à tona traumas do passado, quando seu país fora colonizado por europeus e americanos, quando grande parte da sua herança cultural foi apagada na história da colonização, onde novas culturas e línguas foram impostas pelo Colonizador, como uma forma de “civilizar os povos sem cultura”. Esse desejo do imigrante de pertencer ao lugar que o acolhe, suscita seu desejo de consolidar sua herança cultural e suas raízes no novo país, sem levar consigo uma visão colonizadora e deturpada

que o outro (sujeito na diáspora) é considerado diferente e tão destoante da cultura canadense.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas. **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.

_____. **O Pós -Colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Vozes. 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Trad. Jaime A. Clasen. - Petrópolis, RJ : Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **Condenados da terra**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2005.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Rio de Janeiro, Ed. Loyola, 1997.

_____. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Ed. Loyola, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine Laguarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAFERRIÈRE, Dany. **Como fazer amor com um negro sem se cansar**. Trad. Heloisa Moreira e Constança Vigneron. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

LOUIDOR, Wooldy E. **Uma história paradoxal**. In. **Haiti por si: a reconquista da independência roubada**. Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.



Postcoloniality perceptions and the Diaspora in Dany Laferrière

Abstract: Article promote a discussion about the vision of the Other (colonizer) before the diasporic subject (black), the first novel by Dany Laferrière "How to Make Love to a Negro without tiring" (2012). These observations depart from the concept of resistance, hybridization dispossession; and the postcolonial studies under the Bhabha's vision, Hall, Bonnici, Said and other authors dealing with resistance, identity and postcolonialism. In this sense, we intend to analyze the rupture present in the diáspora black culture in a white and segregated society. From the detailed analysis of the work, one can see the settlers speeches and the supremacy of the bourgeois society values. It seeks so to discuss the identity the subject assumes these multiple interrelationships, noting that the identity of a subject is not marked by their differences, but by the relationships and cultures that shares and shares with the Other.

Key words: Diáspora 1. Identity 2. Displacement 3. Dany Laferrière 4.